

“Chegou o Governador”: o caso emblemático de um discurso ficcional que buscou subverter o discurso histórico

Leandro Rocha Resende*

Fabiane Costa Oliveira**

O presente artigo concentrar-se-á no tratamento da narrativa que compõe a obra *Chegou o Governador*, escrita pelo literato goiano Bernardo Élis, nos anos de 1980. Tida como uma narrativa de extração histórica, a obra em questão será analisada sob a perspectiva discursiva que procura diagnosticar de que maneira um discurso historiográfico é representado dentro do quadro ficcional. Para tanto, pretende-se: 1) buscar os recursos discursivos apresentados por Bernardo Élis na sua condição de escritor para elaborar uma ficção que dialogue com o fato histórico e com todo o contexto extratextual; 2) apresentar o discurso bernardiano de subversão da imagem de um Goiás decadente.

Palavras-chave: Chegou o Governador; Bernardo Élis; História e Literatura

“Chegou o Governador”: uma narrativa ficcional urdida com os fios da história

tr

D. FRANCISCO DE ASSIS MASCARENHAS, português, natural de Lisboa, filho de José de Assis Mascarenhas Castelo Branco da Costa Lancastre, 4º conde de Sabugal, senhor dos Paços de Sabugal e de Palmas, 9º alcaide-mor de Óbidos e Selir, descendente de um ramo da

* Mestre em Letras. Universidade Estadual de Goiás. leandrorocharesende@yahoo.com.br

** Mestre em História. Instituto Federal de Goiás/Universidade de Brasília. fabianecosta@yahoo.com.br

This paper is going to focus on the treatment of the book *Chegou o Governador* narrative, written by the author Bernardo Élis, during the decade of 1980's. As seen as a historic narrative, this work will be analyzed under the discursive perspective which tries to diagnose how a historiography discourse is represented by fiction. So it's intended: 1) show the discursive

recourses presented by Bernardo Élis, as a writer, to elaborate a fiction capable to dialogue with the historic fact and with the context off the text; 2) present Bernardo Élis' subversion discourse of a Goiás decadent image.

Key words: *Chegou o Governador*; Bernardo Élis; History and Literature.

Casa Real de Bragança, vinha por capitão-general da capitania de Goiás e seguido de mais de uma centena de servidores e escravos¹.

Chegando à Vila Boa, D. Francisco encontrou uma cidade à sua espera. E foi nessa ocasião em que conheceu Ângela. Durante a recepção, o então governador, “na jovialidade de seus 25 anos bem vividos como participante de alta nobreza portuguesa”², dirigiu-se ao encontro do Sr. Brás Martins de Almeida, que estava acompanhado de sua esposa, Dona Potenciana, e de sua filha, Ângela, e fez as devidas apresentações, noticiando que era amigo de Tristão – filho do casal e irmão da moça. Já nesse primeiro encontro, D. Francisco mal pode conter o entusiasmo ao se deparar com a beleza de Ângela: “[...] Os olhos do general brilhavam e ele era todo encantamentos. No íntimo, admirava-se de encontrar tão belo espécime humano naquele deserto, sem poder dominar a emoção”³. Aquele foi o encantamento necessário para mobilizar o governador na busca por conquistar a bela moça.

De acordo com a narrativa, sabia-se que o novo governador, quando chegasse à Vila Boa, ansiaria por uma amante e, portanto, não tardaria a escolhê-la. E, assim, o fez. Ângela o mobilizou ao ponto dele enviar o seu quase noivo, o alferes José Rodrigues Jardim, em uma missão militar, distante o suficiente de Vila Boa para ganhar o tempo necessário para conquistar o seu amor. Uma vez sucumbida ao desejo, Ângela viveu intensamente o seu amor com D. Francisco até que a primeira gravidez e a recusa de seu amado em relação ao casamento

¹ ÉLIS, Bernardo. *Chegou o Governador*: Rio de Janeiro: José Olympio, 1998, p. 6.

² *Ibidem*, p. 9.

³ *Ibidem*, p. 10.

promoveram o afastamento do casal. Enquanto o casal se amava e se afastava, D. Francisco deu andamento aos seus projetos de reascender a economia da Capitania de Goiás, bem como de estabelecer um ambiente sócio-cultural em Vila Boa, quebrando, deste modo, com a monotonia típica do lugar.

Em torno dessas duas personagens principais, ações e pessoas foram sendo incorporadas pela trama, ora para tratar das aventuras amorosas do casal, ora para evidenciar as tentativas de D. Francisco em recolocar Goiás nos caminhos da integração econômica, entendida como indispensável à projeção rumo à modernidade. Todavia, nem o amor e nem o projeto administrativo encontraram o resultado desejado pelas personagens D. Francisco e Ângela. De um lado, Ângela não conseguiu unir amor e casamento. Ao conseguir a realização desse último, não o fez por amor – após o nascimento de seus dois filhos, frutos do amor clandestino com seu governador e a certeza de que seu amado não se casaria com ela, Ângela casou-se com seu alferes, promovido a capitão, José Rodrigues Jardim. Por outro lado, D. Francisco, mesmo diante de suas juras de amor para Ângela e o nascimento de dois de seus filhos, não conseguiu convencê-la sobre o concubinato que dizia ser temporário. Mas esse não foi o único empreendimento frustrado do governador. Mesmo depois de quatro anos de administração, seguidos de muitos esforços para promover a integração de Goiás à economia colonial, D. Francisco viu seus projetos desmantelarem-se pelas catástrofes naturais e pelo desinteresse, tanto da administração colonial quanto das elites locais, na promoção de mudanças.

Em linhas gerais, esse é o enredo evidenciado em *Chegou o Governador*. No concernente ao mesmo, interessa para os propósitos desse artigo, particularmente, os intertextos vivos⁴ e os interdiscursos⁵ que se fazem presentes nas duas narrativas construídas em paralelo na obra ficcional bernardiana. Quais sejam? Àquela evidenciada por intermédio das epígrafes e àquela anunciada pela trama que envolve os dois amantes: D. Francisco e Ângela.

⁴ De acordo com André Trouche (2006), o que difere o romance histórico da narrativa de extração histórica é que esta última tem como característica primordial a utilização de intertextos vivos. Para os propósitos deste trabalho, tomar-se-ão as epígrafes como intertextos vivos de uma referencialidade histórica.

⁵ A interdiscursividade está pautada não só na relação das epígrafes com a obra, como também na relação da *mimésis* e da verossimilhança, que compõem todo o fato histórico, social e cultural, orientador da composição discursiva em *Chegou o Governador*.

Antes de partir para a análise da obra, é importante esclarecer em que circunstâncias de produção discursiva Bernardo Élis escritor foi capaz de representar um fato histórico, diferentemente do que fora feito pela historiografia. Partindo do pressuposto que o autor de um texto se torna meramente um sujeito da escrita, é preciso sinalizar o fato de que a construção de um texto (narrativa) se torna heterogênea, pois, o sujeito da escrita, o sujeito discursivo, ocupa várias posições no texto. Essa heterogeneidade acaba caracterizando uma dispersão no discurso, isto é, a dispersão do texto e a dispersão do sujeito.

Na perspectiva da heterogeneidade textual, questiona-se, então, qual seria o lugar de Bernardo Élis na constituição do discurso em relação à obra? Aí a razão pela qual é preciso considerar Bernardo Élis como um sujeito discursivo. Um sujeito que se apropria de um lugar, atuando num espaço subjetivo e estabelecendo uma representação em que há possibilidades de mobilidade no confronto de sua voz com a voz dos outros, ficcionais ou não.

Goiás em “Chegou o Governador”: uma representação de um tempo que transcende uma “verdade” temporal construída pelos viajantes europeus

Das 24 epígrafes presentes em *Chegou o Governador*, oito foram extraídas dos relatos de viajantes europeus (sete do relato de Saint-Hilaire, intitulado *Viagem à Província de Goiás*⁶, e uma da obra de Pohl, denominada *Viagem ao interior do Brasil*⁷) e quatro presentes originariamente na obra *Corografia histórica da Província de Goiás*⁸, de Cunha Mattos. Esse número interessa pelo que representa em termos de discurso. Todos os trechos retirados dos relatos dos viajantes europeus, que estiveram em Goiás na primeira metade do século XIX,

⁶ SAINT-HILAIRE. Augusto de. *Viagem à Província de Goiás*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975.

⁷ POHL, Johann Emanuel. *Viagem ao interior do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1976.

⁸ MATTOS, Raymundo José da Cunha. *Corografia Histórica da Província de Goiás*. Goiânia: Governo de Goiás; Convênio SUDECO, 1979.

trazem a imagem de uma região marcada pelo isolamento e pela presença de um povo que se define pela preguiça e pela prática do concubinato. Comparados a esses relatos, os fragmentos de Cunha Mattos selecionados para as epígrafes de abertura dos capítulos da obra bernardiana revelam-se possuidores de um discurso menos tachativo, porém, não destituído de uma ou outra crítica.

Para melhor evidenciar tal afirmativa, cabe destacar que uma das epígrafes que referencia a obra de Cunha Mattos traz Vila Boa como uma cidade bela e com ruas notavelmente asseadas. Em outra, diz que as senhoras na Capitania de Goiás são muito honestas, afáveis e polidas – o que revelaria traços de civilidades. Contudo, observaram-se, também, algumas críticas entre os fragmentos de Cunha Mattos selecionados pelo literato Bernardo Élis, estando elas direcionadas tanto à união de homens brancos com mulheres de cor quanto à prática habitual de “mexericos” entre os goianos.

As 12 epígrafes restantes foram constituídas a partir de documentos históricos e de interpretações produzidas pela historiografia goiana. Essas não trazem um discurso mais otimista sobre a Capitania de Goiás. Ao contrário, mesmo quando apenas informam, acabam por expor os limites e desafios próprios à região. Nelas encontram-se denunciadas as insolências da administração pública e do povo goiano, bem como a pauperização e má-estrutura de vilas pertencentes à Capitania.

Diante do exposto, não resta dúvida quanto ao fato das epígrafes revelarem, de modo predominante, um discurso⁹ que caracteriza Goiás no século XIX por intermédio da imagem da decadência, do atraso, da miséria e da inobservância das regras e normas de boa conduta. Esse discurso, evidenciado nas epígrafes que compõem *Chegou o Governador*, por muito tempo orientou a escrita da História de Goiás. A historiografia goiana, que tomou como fonte para a promoção de sua investigação os relatos dos viajantes oitocentistas, construiu um passado para Goiás a partir da aceitação da decadência da sociedade goiana no período pós-mineração. Os historiadores que revisam essa tradição historiográfica afirmam que os viajantes, sobretudo os europeus, ao transitarem pelo “sertão”, buscaram

⁹ Entendendo a terminologia discurso para o que está além do enunciado, para diagnosticar o discurso presente entre as epígrafes e a sua relação com a obra é preciso analisar todas as condições pelas quais foram possíveis de proferi-lo. Isto é, buscar, diagnosticar, compreender os modos pelos quais determinado enunciado foi possível de ser dito e não outro.

ver aquilo que já conheciam de experiências anteriores. Seus olhares estavam tomados pela noção de progresso europeu, marcadamente urbano e industrial. E isto os deixou míopes para enxergarem aquilo que o “sertão” goiano podia de fato ser. No lugar de entenderem o que viam, os viajantes ajuizaram com base na repulsa e legaram às gerações vindouras a imagem da decadência da Capitania de Goiás no período pós-mineração.

Goiás emerge no cenário da economia colonial por intermédio do encontro de jazidas de ouro na região. Conforme Nars Fayad Chaul,

A procura de índios e os indícios de existência de ouro em Goiás fizeram com que inúmeras bandeiras penetrassem em terras goianas, em busca da ambicionada mão-de-obra e da potencial riqueza. De Sebastião Marinho, quando penetrou nas cercanias das nascentes do Rio Tocantins em 1592, a Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhangüera, os índios e o ouro de Goiás despertavam ambições e atraíam bandeirantes e sertanistas que desbravaram esse território hostil e selvagem.¹⁰

Assim, a região de Goiás passou a ser povoada no século XVIII, sendo que a exploração das minas foi iniciada a partir de 1726. Nesse mesmo ano, ocorreu a fundação do Arraial de Sant’Anna, que posteriormente recebeu o nome de Vila Boa, hoje Cidade de Goiás. Ainda, de acordo com Nars Fayad Chaul,

A mineração propriamente dita teve vida breve em Goiás. Tem início em 1726, declinando após a década de 1750, que marca o apogeu da mineração em Goiás. O declínio da mineração pode ser observado por meio da arrecadação do quinto do ouro, que passa de 40 arrobas em 1753 para 22 arrobas em 1768 e desaba para 8 arrobas em 1788, para 4 arrobas em 1808 e chega à mísera 0,5 arroba em 1823.¹¹

O declínio da mineração na segunda metade do século XVIII acarretou em Goiás uma queda demográfica. Todavia, ao contrário do que quiseram crer os viajantes europeus, essa região, mesmo nos tempos do apogeu da mineração, convivia com problemas, como: a miséria que assolava boa parte da população; o concubinato; a prática do ócio uma vez que o trabalho era destinado aos escravos; o difícil acesso e trânsito entre as províncias e mesmo dentro da Capitania

¹⁰ CHAUL, Nars Fayad. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. Goiânia: Ed. da UFG; Ed. da UCG, 1997. p. 27.

¹¹ *Ibidem*, p. 28.

de Goiás em decorrência da precariedade das estradas; a falta de incentivo da coroa em relação ao melhoramento dos meios de comunicação. Interessante é demarcar que os viajantes avaliaram que todas essas mazelas haviam sido geradas após o declínio da mineração. Eis aí a origem da gestação do signo da decadência do ouro em Goiás. Para Chaul,

Os viajantes, que passavam por Goiás com seus olhares repletos de progressos europeus, conseguiam vislumbrar a decadência comum a todos, imagem gravada como se fosse a memória de um povo, como se fosse a realidade vivida por todos e não como se fosse o desejo do que não viam: a imagem do progresso invertida na janela do tempo.

[...]

Os relatos deixavam implícito que Goiás precisava de mão-de-obra produtiva, de trabalho livre, de substituição do ócio pelo negócio. Goiás carecia de povoamento, de gente para produzir, de capital e desenvolvimento. Goiás, portanto, era totalmente diferente da terra que povoava as idéias dos viajantes, e divergia ao extremo daqueles padrões europeus de modernidade e progresso, padrões esses que tinham presentes a ética protestante do capitalismo (ou seja, trabalho, parcimônia, ascetismo) e a superpopulação do século XIX. Era com esse olhar que os viajantes descreviam Goiás. Como bem ressaltou Foot Hardman, “o que parece prestes a ocorrer é a perda dos referenciais óticos na sociedade moderna. Já não se sabe ao certo de que lado do espelho se está”. Os viajantes não vislumbravam a outra face do espelho do século XIX ao olhar Goiás.¹²

E mais, os viajantes

Chegaram à terra imaginando um Goiás em esplendor devido à mineração, que atrelara a região à cadeia da produção capitalista, elo presente na corrente do progresso, mas se depararam com uma Província onde a crise imperava em seus múltiplos aspectos. Os olhares dos viajantes europeus conseguiram ver apenas um deserto de homens, sem comércio e sem perspectivas, com estradas fantasmas e ócio correndo nas veias do povo mestiço, longe por demais dos exemplos e do labor anglo-saxões. Não se perguntavam sobre as razões econômicas e sociais dessa situação, nem sobre o lugar desse pedaço do ‘novo mundo’ no mercado capitalista.¹³

Quer-se, com isso, defender a hipótese de que a decadência de Goiás, que aparece anunciada na narrativa das epígrafes de *Chegou o Governador*, foi uma construção realizada pelos viajantes europeus. E, enquanto construção, o discurso

¹² *Ibidem*, p. 35-36.

¹³ *Ibidem*, p. 46.

da decadência, ainda que compartilhado por alguns historiadores como Luiz Palacin e Dalísia Doles, não pode ser tomado como a expressão da verdade absoluta de um tempo e sim como o registro de uma verdade edificada a partir de olhos que negaram a outra face da modernidade/progresso. Associada a essa hipótese, defende-se que Bernardo Élis, ao fazer uso desses enunciados¹⁴ em suas epígrafes, quer pôr em evidência que estes guardam teor ficcional tanto quanto sua obra de ficção. Nesse sentido, o seu objetivo é corroborar para a desconstrução do sentido de verdade de um tempo atribuído ao discurso da decadência, promovido pelos viajantes oitocentistas. Afinal, é uma falácia tachar de decadente uma sociedade que nem chegou a atingir os padrões europeus de modernidade/progresso.

Para afirmar a tese da subjetividade do discurso histórico, Bernardo Élis seleciona e expõe contradições entre os olhares desses homens que visitaram Goiás no século XIX. Para tal, basta contrapor as epígrafes dos capítulos II e IX.

As senhoras são honestas, afáveis e muito mais polidas do que se deveria esperar de terras tão distantes das cidades da beira-mar, assento da civilização. Elas são esbeltas, mui alvas e coradas, algumas têm olhos formosíssimos, dentes perfeitos e encontram-se talhes de modelo. São mais altas do que baixas, e ainda as mais grossas de corpo têm proporção muito regulares. As mulheres desenvoltas têm um certo melindre que raras vezes se encontra em outras províncias, e os homens principais são despidos de estúpido orgulho, sociáveis, polidos e cheios de urbanidade. Os mesmos pretos livres e os escravos têm maneiras decentes. [*Corografia histórica da Província de Goiás*, por R.J. da CUNHA MATTOS, Ed. Convênio Sudeco/Governo de Goiás, p. 92].¹⁵

E,

Os olhos negros e brilhantes das mulheres de Goiás traem as paixões que as dominam, mas seus traços não têm nenhuma delicadeza, seus gestos são desgraciosos e sua voz não tem doçura. Como não receberam educação, sua conversa é inteiramente desprovida de encanto. São inibidas e estúpidas, e se acham reduzidas praticamente ao papel de fêmeas para os homens. [*Viagem à Província de Goiás*. A. de SAINT-HILAIRE, 1819].¹⁶

¹⁴ Entendido como unidade constitutiva do discurso, o enunciado se torna parte fundamental do mesmo em que se pode identificar as diferentes posições assumidas pelo sujeito da escrita. Através e pelo enunciado se torna possível a análise do discurso.

¹⁵ ÉLIS, Bernardo. *Op. cit.* p. 12.

¹⁶ *Ibidem*, p. 84.

Pois bem, no lugar da polidez enxergada por Cunha Mattos próprias às “se-
nhoras honestas” de Goiás, Saint-Hilaire viu a falta de delicadeza e de formação
educacional. Entretanto, esse não é único caso. Basta observar a contraposição
entre as epígrafes dos capítulos I e XIII.

[...] em conclusão, esta cidade, posto que pequena seja, o é superior, em bele-
za de edificios e asseio de suas ruas, a algumas capitais de outras províncias
do império. [*Corografia histórica da Província de Goiás* (1824) de R.J. da
CUNHA MATTOS, Ed. Convênio Sudeco/Governo de Goiás, p. 28].¹⁷

E,

Conversando ontem com meus botões, que são agora os que me fazem corte,
por estar esta Vila uma tapera, me ocorreu a proposta de Francisco Ferreira...
[Carta do Governador José Vasconcelos ao vigário de Meia-Ponte, 1776].¹⁸

Postas em diálogo, as citações em questão demonstram que a beleza da
cidade de Vila Boa de que fala Cunha Mattos não é compartilhada pelas impres-
sões do governador José Vasconcelos. Este, ao contrário do primeiro, manifesta
ser a referida cidade uma tapera. Fica evidente o fato de Cunha Mattos ser, em
parte, bem mais generoso diante da realidade que encontra em Goiás do que os
demais que por aqui passaram ao longo do século XIX. Talvez isso explique o
motivo pelo qual Bernardo Élis acabou por trazer fragmentos desse cronista para
o interior da elaboração da trama de *Chegou o Governador* posto que se tem
por hipótese que sua intenção fora construir outro discurso capaz de subverter a
imagem de decadência legada pelos viajantes.

Neste artigo, assume-se que Bernardo Élis encontra, nas ações de suas per-
sonagens D. Francisco e Ângela, o lugar para inscrever um discurso que supere
o signo da decadência estigmatizado para Goiás. Essa superação dar-se-ia por
intermédio da manifestação, por parte dessas personagens, do sentimento de não
aceitação da situação que já se encontra posta e naturalizada entre os goianos.
Qual seja? O isolamento e a estagnação econômica, de um lado, e o concubinato,
de outro. Sendo assim, a trama bernardiana, ao tecer sua narrativa com os mes-
mos fios da história, busca trazer, para a produção ficcional, referências históri-
cas que corroborem para a construção da imagem de outro Goiás que não àquele
exposto pelos viajantes oitocentistas.

¹⁷ *Ibidem*, p. 6.

¹⁸ *Ibidem*, p. 113.

Bernardo Élis quer vislumbrar a outra face do espelho do século XIX ao olhar Goiás¹⁹. Para tal, sua narrativa ficcional dialoga com Cunha Mattos, com Luiz Palacin e com alguns documentos oficiais da época. Seis é o número de citações realizadas no interior da narrativa da obra *Chegou o Governador*, sendo que três delas foram extraídas dos escritos de Cunha Mattos. Revelando, assim, a intenção do escritor de (re)elaborar um discurso sobre Goiás menos tachativo. Isso pode ser observado nas próprias palavras de Cunha Mattos quando diz serem as mulheres de Goiás apaixonadas pelos livros e instruídas na história, ao mesmo tempo em que coloca em destaque o hábito feminino de frequentar as missas, realizadas durante a madrugada, para não se darem à exposição pública. Seguem as citações:

Várias senhoras são instruídas na história e têm paixão decidida pelos livros: algumas delas por acanhamento não mostram o que sabem, e outras são de tal modo circunspectas que apenas deixam conhecer que entendem das matérias de que se fala. [*Corografia Histórica da Província de Goiás*, de R. J. da Cunha Mattos, 1824].²⁰

E,

As senhoras raras vezes aparecem a pessoas desconhecidas; vão quase todas à missa muito de madrugada; fazem as suas visitas de noite, mas na semana santa, e no dia de Passos, apresentam-se com a mais pomposa decência que se pode considerar. [*Corografia Histórica da Província de Goiás*, de R. J. DA CUNHA MATTOS, 1824].²¹

Todavia, a narrativa bernardiana em *Chegou o Governador* não nega a existência de problemas ligados à estagnação econômica, ao isolamento da região, ao declínio da mineração, dentre outros. Ao contrário, ela os assume:

De todas as informações colhidas obteve o governador uma reprodução bastante real do que era a terra, de modo a ficar ciente de que:

1 – Era enorme a decadência da capitania;

¹⁹ É preciso entender que esta outra face do espelho não corresponde ao conceito de imitação. Ao contrário, ela projeta um lugar para Goiás na obra bernardiana que não aquele anunciado pelo olhar do viajante, carregado de uma condição de produção européia que não reconhece o que vê pelo que é, mas pela expectativa do que fosse a partir do lugar que enuncia. As questões colocadas e a relação existente entre literatura e essa outra face do espelho dizem respeito à necessidade que a “literatura que fala do mundo” e a “literatura que fala da literatura” têm de inserir-se na reflexão em torno da mimésis, remetendo-se ao jogo duplo e côncavo do espelho.

²⁰ ÉLIS, Bernardo. Op. cit., p. 16.

²¹ Ibidem, p. 73.

- 2 – A população decresceu sensivelmente nos últimos 20 anos;
- 3 – Os núcleos urbanos despovoaram-se;
- 4 – Os habitantes deixaram os núcleos urbanos pela parte rural, onde se asselvajaram, esquecendo as práticas religiosas e o uso e o valor do dinheiro;
- 5 – Os índios foram retirados dos campos e matas e aldeados, disso resultando o despovoamento das margens dos rios principais, cuja navegação ficou sem apoio;
- 6 – A mineração quase não existia;
- 7 – Os dízimos, quintos e outros tributos eram extorsivos. Os habitantes de Goiás, endividados com a Fazenda Pública, com as praças de comércio de beira-mar, com o juízo dos defuntos e ausentes, com o cofre dos órfãos e com os particulares que os haviam acreditado, perseguidos pelos inexoráveis agentes fiscais e pelos credores particulares, eles viram-se despojados de suas efêmeras riquezas e reduzidos repentinamente à última indigência;
- 8 – O número de vadios e desocupados abrangia 40% da população;
- 9 – Ao demitir-se, o Governo de D. Manoel de Meneses, apresentava o seguinte quadro: ao intendente do Ouro devia 15.000 cruzados; ao ouvidor devia o ordenado de dois anos e na mesma proporção era a dívida para com os funcionários da Fazenda real, da cada de fundição e de toda a tropa. Só o governador recebia em dia porque o tesoureiro era rico e seu amigo particular, adiantando-lhe do próprio bolso o dinheiro do ordenado e, finalmente;
- 10 – Dominava a todos o espírito de derrota e ruína que fazia do goiano o mais triste dos seres.²²

Diante disso, uma pergunta se impõe: em que consistiria, então, a diferença entre a narrativa bernardiana em *Chegou o Governador* e o discurso dos viajantes oitocentistas? Exatamente no desejo de seus personagens principais em transpor a situação de crise e abandono em que se encontrava a Capitania de Goiás. Como anteriormente anunciado, na vida administrativa, conforme relato do capitão-general João Carlos Augusto D’Oeynhausien, havia três fases: “a febre com delírio, a febre sem delírio e a prostração” (ÉLIS, 1998, p. 4). D. Francisco, assim como seus antecessores, viveu primeiro a fase da contemplação da projeção de grandes planos para a superação do atraso e da miséria na região goiana. Transposta essa fase, seguiu àquela em que ele se conformou com realidade e buscou reformar seus planos com o intuito de ainda concretizar possíveis

²² ÉLIS, Bernardo. *Op. cit.*, p. 55-56.

mudanças. Entretanto, ao contrário de muitos outros governadores, D. Francisco recusou-se a ser vencido pela indiferença com que a coroa ou mesmo as elites locais recebiam seus planos. Ele não viveu a fase da prostração típica da vida administrativa na Capitania de Goiás. Vejamos o exemplo:

[D. Francisco] Passava em revista seus anos de administração, que reputava boa, não tendo chegado nunca à prostração. Se não conseguiu colocar a capitania no nível do fausto do ouro, tinha a impressão de haver sustado o processo de decadência, por um instante. Seu nome era louvado por comerciantes e agricultores que enviaram novas expedições comerciais pelo Araguaia abaixo, rumo a Belém, de onde igualmente receberam produtos que venderam com lucros.²³

O empreendimento do projeto de navegação dos rios Tocantins-Araguaia, realizado a despeito do apoio da administração metropolitana e das elites locais, revelou a resistência de D. Francisco diante da prostração. O referido projeto de navegação, que tinha por objetivo colocar Goiás em conexão com a região do Belém do Pará e, a partir daí, com o mundo inteiro, apenas obteve um sucesso temporário. Afinal, o “azar” se encarregou de frustrar os propósitos do governador.

O azar se encarregou de naufragar alguns barcos, de negar lucros a algumas expedições, no seio das quais semeou epidemias de tal modo graves que logo depois ninguém se arriscava a descer ou subir com mercadorias pelas águas tranqüilas do Araguaia ou pela caudal revolta do Tocantins. Também os rios que corriam para o sul mostraram-se indomáveis. As canoas que se desgarraram de Anicuns na tentativa de chegar ao litoral, perderam-se pelas muitas e ferozes cachoeiras e os tripulantes morreram ou desapareceram, não se tendo notícia nem do intemorato Guterrez, com sua fanfarronice e espanholadas de bom castelhano.²⁴

Infere-se aí que o discurso de superação do estigma da decadência, evidenciado na narrativa ficcional bernardiana em *Chegou o Governador*, se concretiza a partir das intenções de seu personagem, o governador, e não por intermédio da reinserção definitiva de Goiás na economia colonial. Ao trazer para sua narrativa as intenções modernizadoras de D. Francisco, Bernardo Élis acaba por promover a “absolvição” do povo goiano quanto às mazelas próprias à sua Capitania. Essa absolvição ocorre na medida em que o escritor assume e aceita em sua trama a

²³ *Ibidem*, p. 166-167.

²⁴ *Ibidem*, p. 167.

singularidade do tempo que define essa região. Temporalidade essa refém do passado aurífero – o tempo do Eldorado.

Reconhecer que o tempo em Goiás está vinculado ao passado do ouro é admitir, em certa medida, que o ócio tão cultivado por essa gente tem sua explicação na forma como o trabalho foi encarado nas regiões mineradoras, ou seja: como coisa de escravo. É admitir, do mesmo modo, que a prática comum e generalizada do concubinato se explica muito mais pelos altos custos para a viabilização do casamento e pela miséria que assola a população goiana do que com a imoralidade ou a falta de rigor com os preceitos religiosos. A aceitação do tempo do Eldorado como a significação do tempo de Goiás faz-se presente na narrativa ficcional de *Chegou o Governador* quando o escritor coloca em destaque o encontro de ouro em Anicuns.

[...] Introduzido na sala do dossel, o homem explicou: chamava-se Luciano e tinha encontrado um riquíssimo veio de ouro na velha cata abandonada de Anicuns.

- Mina de ouro! – balbuciou o conde sem acreditar no que ouvia da boca de um homem tão pobre e tão estranho, que prosseguia explicando que era um veio de ouro muito rico, na velha cata de Anicuns que fora explorada ao tempo do velho Anhanguera, e fora abandonada pelos mineradores daquele tempo como impraticável. Pensando tratar-se de algum embusteiro, D. Francisco lembrou-se logo de uma das regras do regulamento de Gomes Freire, na parte que dizia: “A segurança das minas é o castigo das insolências”. Para pôr em prática tão sábia sentença mandou chamar o Coronel-de-Dragões Marcelino José Manso, a quem mostrou Luciano e contou de que assunto estava tratando. Para seu maior espanto, o que viu foi o Coronel Manso tomar-se de entusiasmo e afirmar peremptoriamente que Luciano estava falando a verdade e que em Anicuns devia haver muito ouro.

- Seria possível? – duvidava o governador, para quem, naquela terra, todo mundo só pensava em tesouro escondido ou novas minas maravilhosas. Contudo, mandou chamar o Intendente Morais Cid, a quem ordenou que seguisse com Luciano e mais alguns militares para tirar certeza da notícia, embora tudo devesse ficar guardado no maior silêncio para não despertar a cobiça no meio dos milhares de vadios existentes na capitania. Dentro em breve ficou provado que Luciano dizia a verdade, que em Anicuns estava um riquíssimo veieiro de ouro, mas também ficou provado que o povo não vive dormindo. Num átimo a notícia do novo achado ganhou as ruas, as estradas, os mais distantes lugares e num piscar de olhos dezenas, centenas de pessoas estavam nos arredores da famosa cata pedindo a concessão de uma data de terreno para batear. [...]

Assim, quando alguns meses depois D. Francisco de Assis retomou a Vila Boa, trazia a notícia de que a capitania de Goiás voltava novamente a produzir várias arrobas de ouro por ano, como nos bons tempos de antigamente, embora muitos fossem os obstáculos para a produção da nova mina e a triste previsão de que a cada momento mais cara ia ficando a extração de ouro.²⁵

Outro aspecto a ser destacado e discutido refere-se às interconexões e aos desvios possíveis de serem identificadas a partir do estabelecimento de um diálogo entre o discurso da trama e o discurso presente no conjunto das epígrafes. Ao estabelecer esse diálogo, foi possível detectar dois movimentos: de um lado, tem-se a interconexão entre a trama e a epígrafe, em que a última exerce o papel de anunciadora do assunto que será evidenciado pela narrativa do capítulo; de outro lado, percebe-se o desvio causado pela narrativa do capítulo que ocorre quando esta acaba por negar o discurso anunciado pela epígrafe. Para melhor exposição do que consistiria esse desvio, toma-se o primeiro capítulo da obra *Chegou o Governador*. Nele vê-se destacado como epígrafe um trecho da obra *Corografia histórica da Província de Goiás*, de Cunha Mattos. Como já fora tratado, essa epígrafe traz uma fala do referido cronista que reconhece a beleza dos edifícios de Vila Boa, bem como, o asseio de suas ruas (ÉLIS, 1998, p. 6). Contrastando a esta imagem, a trama expõe outro olhar:

O governador chegando envergava sua vistosa farda vermelha agalooada de prata, chapéu de pluma e espadim. Com o tropel da alimária retumbante na rua estreita calçada de pedras irregulares, entrou a comitiva na cidade, pela Cambaúba, passando em frente da simpática igrejinha da Lapa que ao tempo existia, e ganhando afinal a rua principal, chamada Rua Direita do Negócio, a qual desembocava no Terreiro do Paço. Aí se erguia a matriz, enorme igreja de Nossa Senhora de Santana, padroeira da Vila. Se era grande, tinha péssimo aspecto. O frontispício estava em ruínas, sem portas nem janelas, a parede frontal caiada até o meio, com a torre da parte do evangelho derruída. À porta desse templo, que ficava lado a lado com o palácio do Governo, apaream-se os componentes do cortejo, tendo à frente a autoridade que chegava e o governador que deixava o cargo.²⁶

Como se pode apreender pelo fragmento, a igreja em ruínas ficava em lugar importante na cidade, qual seja: ao lado do prédio do palácio do Governo. Dada

²⁵ *Ibidem*, p. 160-161.

²⁶ *Ibidem*, p. 6-7.

a sua localização, a igreja deveria estar mais bem conservada, mas, ao contrário, encontrava-se em ruínas, o que só demonstra o descaso da administração pública na capital da Capitania de Goiás. Todavia, os desvios não se encerram por aí. Outro é evidenciado no segundo capítulo. Neste, a epígrafe, também extraída da já citada obra de Cunha Mattos, apresenta as mulheres de Goiás como senhoras honestas, afáveis e polidas²⁷. Em oposição a este discurso, a trama oferece outro comportamento feminino: o da disposição para as aventuras amorosas.

Algumas pessoas que estiveram em Goiás contaram-lhe [a D. Francisco] em Portugal que aqui o mulhério vivia à solta, que qualquer um tinha tantas fêmeas quantas quisesse, que ninguém era casado nem havia família legalmente constituída.²⁸

E, ainda, que:

[...] A chegada, pois, das novas autoridades colocava os homens e as mulheres capazes sexualmente em disponibilidade erótica.

[...] enorme era a inquietação no coração e em algumas glândulas da totalidade das mulheres amancebadas ou solteiras e núbeis, quer fossem feias ou bonitas, brancas, pretas ou mulatas, pois elas por experiência vinda de outras capitânicas sabiam que o apetite português era pantagruélico, contanto que não fosse para casar. Assim, todas as concubinas se achavam na roda do jogo. Se não pudessem alcançar o capitão-general, alcançariam o ouvidor, ou o secretário do governo, ou algum padre, ou o simples soldado, o modesto meirinho. O que estava em perspectiva era melhorar a dieta, obter um amante que ganhasse melhor ou amasse melhor, ou melhor soubesse enganar uma mulher com bonitas falas e brilhantes presentes.²⁹

Porém, a narrativa ficcional bernardiana em *Chegou o Governador* não se faz apenas com desvios. É possível evidenciar a presença de interconexões. Como é o caso do sexto capítulo. A epígrafe, extraída de um relatório de D. Francisco de Assis, quando da passagem do governo ao seu sucessor, referencia a insolência da administração pública:

A Câmara de Vila Boa, sendo até agora a única desta capitania, administrava anteriormente as rendas de todos os julgados; porém a Câmara, composta de vereadores indolentes, e presidida por juizes leigos, além de indolentes, igno-

²⁷ *Ibidem*, p. 12.

²⁸ *Ibidem*, p. 15.

²⁹ *Ibidem*, p. 16.

rantísimos, de tal modo confundiu as contas dos seus rendimentos, e deixou de receber ou de cobrar as que lhe competiam, que durante todo o tempo do meu governo não só não pôde edificar uma só obra pública, mas nem ainda lhe foi possível reparar aquelas que já se achavam construídas em benefício do público, e que o tempo havia deteriorado. [Relatório de D. Francisco de Assis (1809) ao passar o governo ao seu sucessor. *Anais da Província de Goiás* – J.M.P. DE ALENCASTRE, Ed. Convênio Sudeco/Governo de Goiás, 1863, p. 283].³⁰

A insolência em questão aparece, também, na composição da trama bernardiana.

[...] Após os cumprimentos, tomando a dianteira, o Sr. Brás (que conhecia perfeitamente o local), escolheu o percurso de descer a Rua do Horto até alcançar o beco que ficava na esquina da casa do Pe. Marques; daí entrando à direita por um caminho desmanchado que transpunha o córrego Manuel Gomes e entrava na Estrada da Carioca, cuja ladeira estava fidalgamente calçada, com muretas do lado que dava para a ribanceira do morro. Deveras era uma soberba obra da qual se poderia justamente orgulhar o ex-Governador João Manoel de Meneses, se bem que, naquele momento de tantas cavilações e intrigas, o que se comentava é que do ex-governador a estrada só tinha o nome, pois quem dera o dinheiro e fizera tudo fora a Câmara Municipal, único órgão que ainda dispunha de algum numerário na terra. Bem, mas não fora sempre assim!³¹

Esse tipo de interconexão, ainda, pode ser exemplificado pelo capítulo XIV quando o mesmo trata do tema ligado à prática de mexericos. De acordo com a epígrafe de abertura desse capítulo, “[...] a cadeia estava vazia porque o povo desta cidade (Vila Boa) batia mais com a língua do que com as armas. [Carta do General Cunha Mattos ao ministro da Guerra, 1823]”³². Com base nesse fragmento, percebe-se que a prática de mexericos era hábito comum entre os vilabosenses. E, como Ângela vinha se encontrando frequentemente com D. Francisco, não tardou para o povo começar a falar e alguém enviar uma carta anônima à família para tratar do caso amoroso. A trama expõe o martírio do pai ao saber que o caso de sua filha com o governador já era conhecido de muitos, talvez de todos em Vila Boa:

O diabo daquela carta anônima nunca saiu da cabeça do Sr. Brás Martinho de Almeida. Trechos perdidos de conversa, vagas alusões proferidas entre fâmu-

³⁰ *Ibidem*, p. 61.

³¹ *Ibidem*, p. 61-62.

³² *Ibidem*, p. 118.

los e funcionários, uma indireta aqui, outras graçolas acolá vinham sempre lembrar e, por que não, confirmar alguns dos tópicos dela, especialmente a notícia da misteriosa cadeirinha que vagava à noite pelas ruas.³³

Dessa forma, deduz-se que, os usos de interconexões e desvios, não são aleatórios. Ao contrário, esse jogo faz-se necessário na medida em que confere à trama de *Chegou o Governador* o subsídio indispensável à elaboração do discurso ficcional bernardiano, tecido com os fios da história. Assim, as relações intertextuais e interdiscursivas sustentam a representação discursiva, elaborada por Bernardo Élis, dos fatos passados e, ao mesmo tempo, permitem a construção do tempo perdido sem o compromisso da fidelidade com o discurso documental, o qual é próprio à História. E, por outro lado, os desvios permitem a desconstrução do sentido de verdade única, muitas vezes legado ao discurso histórico.

Tem-se, nesse pressuposto, que o uso de intertextos e interdiscursos corroboram com a elaboração de representações acerca de Goiás, no período oitocentista. Defende-se, ainda, que essas representações subvertem o signo da decadência e tornam possível o desvendar da outra face do espelho que os homens do século XIX, por estarem tomados pela ótica do progresso e da modernidade, não foram capazes de contemplar.

Considerações finais

O trabalho com a obra bernardiana *Chegou o Governador* exigiu escolhas que passaram inclusive pela definição se ela seria ou não um romance histórico. Afinal, o romance em questão dialoga diretamente com a história. Para a busca dessa definição, resolveu-se levar em conta a assertiva do próprio escritor quando recusa a classificar sua obra como romance histórico.

Será este um romance histórico? Digo que não. Urdido com os mesmos fios da História, tenta ir mais longe ao interpretar fatos passados ou reconstruir globalmente um tempo perdido, sem maiores comprometimentos com o documentário. Aqui figuram seres, ações e situações reais e fictícias, tudo na compreensão de que caiba na medida de seu tempo.³⁴

³³ *Ibidem*, p. 118.

³⁴ *Ibidem*,, 1998.

Defende-se que essa negativa está diretamente relacionada com o objetivo do escritor em eximir-se do compromisso de elaborar a partir de sua obra uma reduplicação fiel da verdade histórica, a qual estaria consagrada pela historiografia que compõe o passado de Goiás. Uma vez aceitado a recusa de Bernardo Élis, coube ao trabalho investigativo a proposição de uma classificação que sublinhasse a especificidade do quadro discursivo que a obra apresentava.

Com o propósito de proceder a uma análise que diagnosticasse os recursos discursivos presentes em *Chegou o Governador*, o primeiro passo foi tomar a obra como uma narrativa de extração histórica. Essa escolha deveu-se ao fato de se compreender que, embora Bernardo Élis faça uma ambientação histórica em seu romance, não é sua intenção apostar na possibilidade de uma verdade histórica. Esta aposta é própria aos romances históricos que reescreviam suas narrativas mantendo intactos os estatutos de veracidades presentes na historiografia.

Ao tomar *Chegou o Governador* como uma narrativa de extração histórica, assumiu-se, seguindo Trouche³⁵, que essa modalidade de escrita toma o histórico como intertexto, abandonando, assim, qualquer compromisso e pretensão de impor uma versão dos fatos históricos sobre outra. Isto não significa dizer que não haja por parte do escritor que elabora uma narrativa de extração histórica a intencionalidade de construir uma “verdade” própria ao quadro ficcional.

A análise realizada a partir de uma obra de narrativa de extração histórica permitiu pensar tanto o fato histórico quanto a ficção como construtos humanos, sistemas de significações que, por vez, devem ser entendidos como discursos. Cabe assinalar que a proposta dessa pesquisa transitou em um espaço analítico que contrapôs o desejo de busca de verdade. Essa contraposição se pautou em um diagnóstico que não só trouxesse o fato histórico para a obra, mas também compreendesse essa transposição do fato histórico como elaborador de um conjunto de práticas sociais e discursivas que nortearam questões extratextuais.

Nessa perspectiva, entender a obra *Chegou o Governador*, não tentando dela extrair uma verdade absoluta assimilada ao fato histórico, significa perceber que o texto literário é um lugar complexo. Lugar no qual aparece uma linguagem que é utilizada através de um processo combinatório que consiste em uma transfiguração discursiva. Assim, o que melhor explicaria essa transfiguração

³⁵ TROUCHE, André. *América: história e ficção*. Niterói, RJ: EDUFF, 2006.

discursiva seria entender que a obra literária foi construída a partir de uma representação que se remete ao fato histórico. Cabe destacar que essa representação não parte somente do próprio fato histórico, assim como da relação entre o mundo empírico e o mundo ficcional.

Diante do exposto, defendeu-se, então, que os principais recursos discursivos, utilizados pelo escritor para traçar outra perspectiva de Goiás, estiveram presentes na construção das personagens D. Francisco Mascarenhas e Ângela Ludovico. A primeira, D. Francisco, por apresentar características distintas dos anteriores governantes que em Goiás estiveram. Essa distinção foi percebida pela sua recusa à prostração, mesmo diante das tentativas frustradas da empresa de navegação dos rios Tocantins-Araguaia. E a segunda, Ângela, por evidenciar uma conduta diferenciada das práticas sociais das demais mulheres goianas da época. Embora os relatos oitocentistas descrevessem uma situação comum e generalizada do concubinato, o escritor utiliza-se de uma transfiguração discursiva e constrói uma personagem que nega essa prática.

Por intermédio da construção bernardiana desses dois personagens, percebeu-se uma intencionalidade que não marca a negação ou a afirmação do fato histórico. Entretanto, essa construção indica, sobretudo dentro do quadro discursivo, que é preciso pensar um Goiás diferente daquele que fora apresentado pela história com base nos relatos dos viajantes. Como essa elaboração discursiva foi realizada dentro da ficção, Bernardo Élis indivíduo eximiu-se da responsabilidade de estabelecer outra versão sobre os fatos históricos. Em contrapartida, Bernardo Élis, enquanto escritor/sujeito discursivo, teve total liberdade de criar novas possibilidades de verdade, pois o mesmo se resguarda dentro da obra literária – que, por característica própria, pode constituir uma verdade sem ser a expressão da realidade.

Por fim, cabe ainda registrar que, guiado pela hipótese de que a narrativa bernardiana *Chegou o Governador* visou subverter o que estava posto pela história, esse artigo teve como pretensão mostrar que a elaboração de representações sobre fatos passados não é exclusivo do discurso histórico, sendo possível encontrá-las também no discurso ficcional. Todavia, quando essas representações são encontradas no discurso ficcional, deve-se ter em conta o fato de que o seu não compromisso com a verdade presente nos documentos encaminha uma elaboração narrativa capaz de expor o que os olhos de um historiador, míopes pela fidelidade ao documento, são impedidos de enxergarem.

Desse modo, enquanto a historiografia tradicional, vinculada aos relatos dos viajantes europeus oitocentistas, construiu um passado para Goiás marcado pela decadência e pela inviabilidade de sua própria superação, a obra *Chegou o Governador* apresenta novas possibilidades de significações para esse mesmo tempo. O discurso ficcional bernardiano apresenta uma multiplicidade temporal que a história não foi capaz: o século XIX não é apenas a projeção do moderno e da industrialização, ele também é o tempo que se revela pela contramão dos processos modernizadores. Nesse sentido, certamente aí reside a importância da literatura: ela possibilita ao leitor refletir acerca de outras possibilidades, de novas significações, que muitas vezes escapam ao olhar de quem não foi acostumado a transcender o quadro da língua e navegar pelas transfigurações do discurso.